



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA- UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LUCIANA SALES ALVES

**A LITERATURA AFRICANA E O EFEITO COLONIAL NA
OBRA *SANGUE NEGRO* DE NOÉMIA DE SOUSA**

**CATOLÉ DO ROCHA- PB
2024**

LUCIANA SALES ALVES

**A LITERATURA AFRICANA E O EFEITO COLONIAL NA OBRA
SANGUE NEGRO DE NOÉMIA DE SOUSA**

Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, para obtenção do título de graduação.

Orientador: Prof. Dr. Auríbio Farias
Conceição

CATOLÉ DO ROCHA- PB
2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474I Alves, Luciana Sales.

A literatura africana e o efeito colonial na obra sangue negro de Noémia de Sousa [manuscrito] / Luciana Sales Alves. - 2024.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição, Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. literatura africana. 2. Noémia de Sousa. 3. colonial. I.

Título

21. ed. CDD 968

LUCIANA SALES ALVES

A LITERATURA AFRICANA E O EFEITO COLONIAL NA OBRA *SANGUE NEGRO* DE
NOÉMIA DE SOUSA

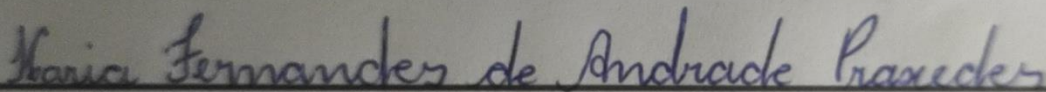
Aprovada em: 19 / 06 / 2024

BANCA EXAMINADORA



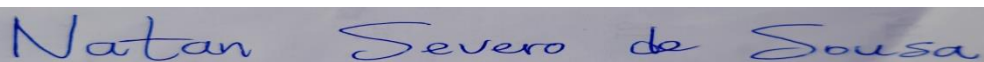
Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição

Orientador – UEPB/ CAMPUS IV



Profa. Dra. Maria Fernandes Andrade Praxedes

Examinadora - SEMED – Catolé do Rocha/PB



Prof. Esp. Natan Severo de Sousa

Examinador - UEPB/ CAMPUS IV

RESUMO

O presente artigo foi realizado acerca da literatura africana, que é caracterizada por sua cultura, seu espaço geográfico, relações sociais e sua respectiva luta por independência. Nosso objetivo geral de trabalho é mostrar os efeitos da colonização no povo moçambicano que foram expressos na obra de Noémia de Sousa. Contudo, nosso objetivo específico é fazer um levantamento sobre as críticas a obra *Sangue Negro*; escolher poemas que tenham um peso maior sobre a colonização do povo moçambicano; e analisar os poemas da obra *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa. A metodologia utilizada foi através de pesquisas bibliográficas, por meio de sites os quais continham artigos e livros que tratavam sobre críticas e contribuições, para a obra *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa. O nosso trabalho é desenvolvido com base no texto *Panoramas das literaturas africanas de língua portuguesa* escrita por Maria Nazareth Soares Fonseca e Terezinha Taborda Moreira (2007), com teóricos de apoio, Maria Nazareth Soares Fonseca (2004), Valter Gomes Dias Junior (2014). A relevância deste trabalho de pesquisa visa mostrar o quão à literatura africana é importante, e de como ela deveria ser mais valorizada. Os poemas a serem analisados são: *Nossa Voz*, *Canção Fraternal*, *Patrão* e *O homem morreu na terra do algodão*.

Palavras-Chave: Literatura africana. Noémia de Sousa. Colonial.

ABSTRACT

This article was written about African literature, which is characterized by its culture, geographic space, social relations and its respective struggle for independence. Our general objective of this work is to show the effects of colonization on the Mozambican people that were expressed in the work of Noémia de Sousa. However, our specific objective is to survey the criticisms of the work *Sangue Negro*; to choose poems that have a greater weight on the colonization of the Mozambican people; and to analyze the poems of the work *Sangue Negro*, by Noémia de Sousa. The methodology used was through bibliographic research, through websites that contained articles and books that dealt with criticisms and contributions to the work *Sangue Negro*, by Noémia de Sousa. Our work is developed based on the text *Panoramas das literaturas africanas de língua portuguesa* written by Maria Nazareth Soares Fonseca and Terezinha Taborda Moreira (2007), with supporting theorists, Maria Nazareth Soares Fonseca (2004), Valter Gomes Dias Junior (2014). The relevance of this research work aims to show how important African literature is, and how it should be more valued. The poems to be analyzed are: *Nossa Voz*, *Canção Fraternal*, *Patrão* and *O homem morrer na terra do Algodão*.

Keywords: African Literature. Noémia de Sousa. Colonial.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
VIDA E OBRA DE NOÉMIA DE SOUSA	7
A FORTUNA CRÍTICA DE <i>SANGUE NEGRO</i>	9
ANÁLISE DOS POEMAS: Nossa Voz, Canção Fraternal, Patrão e o Homem Morreu na Terra do Algodão da obra <i>Sangue Negro</i>	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS	21

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi realizado acerca da literatura africana, caracterizada por sua cultura, seu espaço geográfico, relações sociais e sua respectiva luta por independência. Esta luta iniciou-se na colonização, pois os moçambicanos perderam grande parte de suas culturas e de seus costumes, por imposições e implantações de novas culturas, seguindo, assim, o padrão dos colonizadores portugueses.

A literatura moçambicana começa a ser criada durante o processo da colonização. A evolução da formação da literatura de Moçambique, que teve sua criação na zona urbana que, de início, é determinada por uma elite seletiva de poucos negros, mestiços e brancos que se apropriaram de canais administrativos e poder. É neste período que a literatura ganha um papel fundamental e de grande importância. Neste processo, são escritos textos e poemas literários, a partir de sua cultura, costumes, em um contexto social vivido na época. Este contexto social, como se vê na obra *Sangue Negro*, onde a mesma retrata o sofrimento e a decadência humana, e suas desolações. Também fala sobre o processo de escravização e de como ele se deu dentro de Moçambique.

O problema será exposto na obra *Sangue Negro*, que iremos tratar de como sucedeu à colonização moçambicana e as diversas adversidades sofridas por esse povo, onde os africanos foram explorados, escravizados, torturados e o que faz juízo as suas literaturas e poemas que foram escritos neste período colonial. A nosso ver, a literatura africana trata de uma realidade existencial que não pode ser mudada, mas pode ser reconhecida e valorizada, dentro dos parâmetros literários e evolutivos, dando vez e voz para os negros terem a liberdade de denunciar todas as agressões e frustrações sofridas.

Nosso objetivo geral de trabalho é mostrar os efeitos da colonização no povo moçambicano que foram expressos na obra de Noémia de Sousa. Contudo, têm-se por objetivos específicos: fazer um levantamento sobre as críticas a obra *Sangue Negro*; escolher poemas que tenham um peso maior sobre a colonização do povo moçambicano; e analisar os poemas da obra *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa. Os poemas produzidos dentro da obra *Sangue Negro* retratam uma diversidade de problemas sofridos por uma invasão devastadora. Outro objetivo é mostrar o quanto a literatura africana tem a nos ensinar e revelar fatos importantes que muitos precisam ter conhecimento. Talvez, só assim possa diminuir o preconceito e ter mais respeito, uns pelos outros, julgarem, mais tendo consciência e conhecimento de toda a dor que os negros sofreram, naquela época de colonização, e até os dias de hoje, e que estas palavras se tornem uma reflexão para as futuras gerações. A

metodologia utilizada foi por meio de pesquisas bibliográficas, por meio de sites, os quais continham artigos e livros que tratavam sobre críticas e contribuições, para a obra *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa.

O trabalho foi desenvolvido com base no texto *Panoramas das literaturas africanas de Língua Portuguesa* escrita por Maria Nazareth Soares Fonseca e Terezinha Taborda Moreira (2007), com teóricos de apoio, Maria Nazareth Soares Fonseca (2004), Valter Gomes Dias Junior (2014), dando continuidade para a análise da obra usaremos: Carla Maria Ferreira Sousa (2014), Fernanda Ely Borba e Teresa Kleba Lisboa (2019) e Lunara Carolline Nascimento Gomes (2020). A relevância deste trabalho de pesquisa visa mostrar o quão à literatura africana é importante, e de como ela deveria ser mais valorizada. A literatura africana carrega todo um peso que nossos ancestrais os impuseram, e nós fazemos parte desta trajetória. Tais estudos revelam todo um passado de muita dor, mais, que merece ser mais explorado, ter seu espaço e seu devido valor, mostrar respeito pela dor dos afrodescendentes e os mestiços, respeitar sua cor, seus costumes, suas culturas e seus espaços.

A literatura africana tem como raízes um movimento que ficou conhecido como negritude, sendo que o primeiro congresso de escritores da literatura da África veio a ser realizado no ano de 1956. Os textos continham, como inspirações, revoltas de caráter anticolonialista (Petrin, s.d.). Esses poemas eram produzidos por oralidade e, só mais tarde, a escrita fora utilizada para registrar estes textos orais.

Moçambique passou por uma diversidade de situações, como culturais, econômicas e racistas, entre outros fatores, que contribuíram para estes acontecimentos que tornaram a África uma terra sofrida, vivenciada pelos conflitos e dias de guerras civis, que devastam qualquer país (Petrin, s.d.). Ao aprofundarmos mais nas literaturas africanas de Língua Portuguesa, percebe-se que, em sua maioria, os negros são tratados como seres indesejados e desumanos, servindo apenas para os trabalhos pesados.

VIDA E OBRA DE NOÉMIA DE SOUSA

Conhecida como Noémia de Sousa (Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares), poeta, jornalista, tradutora e militante da política moçambicana. É considerada a “mãe dos poetas moçambicanos”. Nasceu em 20 de setembro de 1926, na cidade de Catembe atual (Maputo), Moçambique. Antes, porém, com quatro anos de idade, aprendeu a ler e escrever com seu pai, um funcionário público que valorizava o conhecimento e a literatura.

Filha de Clara Brühem Abranches de Sousa, família de comerciantes com origens germânicas, moçambicanas e goesas, e de António Paulo Abranches de Gama e Sousa, de ascendência goesa, portuguesa e africana. Quando Noémia de Sousa tinha seis anos, a família mudou-se para Lourenço Marques. Depois da morte do pai em 1932, Noémia de Sousa começou a estudar no curso pós-laboral de comércio na Escola Técnica e publicou os primeiros poemas no jornal da escola.

Com oito anos de idade, a poetisa ficou órfã de pai. A mãe dela, então, precisou sustentar sozinha, os seis filhos. Além dessa perda, a menina também precisou enfrentar o preconceito racial e, como relata a própria autora em uma entrevista, foi ridicularizada por um homem branco por estar lendo um livro, quando tinha aproximadamente dez anos de idade.

Partiu para Lisboa, sem livro publicado. Pouco tempo depois, mudou-se para Paris. Mais tarde, regressaria a Portugal, onde se tornou jornalista da *agência noticiosa* portuguesa, em Lisboa. Faleceu no dia 4 de dezembro de 2002, em Cascais, Portugal.

O fato de ter sido alfabetizada por seu pai foi um diferencial na vida da autora, pois, na época, as pessoas negras, em Moçambique, não tinham acesso à educação. E, apesar de Noémia ter conseguido ingressar em uma escola, segundo a própria escritora, ela era a única pessoa negra na instituição.

Mais tarde, aos dezesseis anos, após trabalhar durante o dia, a escritora estudava, à noite, na Escola Técnica, onde cursava Comércio. Além disso, publicou seu primeiro poema — “Canção Fraterna” — no Jornal da Mocidade Portuguesa. Escreveu também para o semanário O Brado Africano.

Ela assinou, durante algum tempo, seus textos apenas com iniciais e acabou surpreendendo aqueles que descobriram ser ela a autora. Assim, a sua participação no Movimento de Unidade Democrática Juvenil (MUDJ), e suas amizades com certos intelectuais, além de seus textos e pensamentos considerados subversivos, levaram a autora a ser monitorada pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE).

Na década de 1940 viveu numa casa de madeira e zinco no bairro da Mafalala, em Maputo. Ali escreveu poemas que se tornaram símbolos nacionalistas africanos como "Deixa passar o meu povo". Só saiu do bairro por motivos políticos, em 1949.

Por isso, em 1951, ela exilou-se em Lisboa. Ao sair de Moçambique, encerrou sua carreira como poetisa. No entanto, em 1986, escreveu um poema em homenagem ao presidente moçambicano Samora Machel (1933-1986), por ocasião de sua morte, intitulado 19 de outubro.

No decorrer dos anos de 1951 a 1964 viveu na cidade de Lisboa, onde se dedicou como tradutora, mas como consequência da sua posição política ao ser oposição ao Estado Novo teve de exilar-se em Paris, onde trabalhou no consulado de Marrocos. Inicia-se neste patamar a abraçar o pseudônimo de Vera Micaia.

Antes, porém, em 1962, ela casou-se com o poeta Gualter Soares, com quem teve uma filha. E, por volta de 1964, fugindo da ditadura em Portugal, foi viver na França, onde trabalhou como jornalista. Mas, em 1973, voltou a Portugal e passou a trabalhar na agência Reuters.

Sua obra encontra-se distribuída por muitos jornais e revistas. Colaborou em publicações como *Mensagem* (CEI), *Mensagem* (Luanda), *Itinerário*, *Notícias do Bloqueio* (Porto, 1959), *O Brado Africano*, *Moçambique 58*; *Vértice* (Coimbra), *Sul* (Brasil).

Poeta, jornalista de agências de notícias internacionais, viajou por toda a África durante as lutas pela independência de vários países. Em 1975 regressou a Lisboa, onde trabalhou na Agência Noticiosa Portuguesa. Em 2001, a Associação dos Escritores Moçambicanos publicou o livro *Sangue Negro*, que agrupa a poesia de Noémia de Sousa escrita durante os anos de 1949 e 1951. Sua trova está representada em uma antologia de poemas moçambicanos *Nunca mais é Sábado*, organizada por Nelson Saúte.

Noémia a mãe dos poetas moçambicanos, produzirá textos nacionalista, contendo características de produção em versos livres. Neles, prevalece a voz feminina e negra, a qual se empenha em destacar a cultura africana; mas, também, mostrar os problemas sociais de Moçambique.

Apesar da autora não ter livros publicados, seus textos poéticos eram famosos e divulgados a partir da publicação de antologias de poesia moçambicana. Desse modo, Noémia de Sousa, por sua obra literária e suas ideias, era bastante conhecida quando morreu em 04 de dezembro de 2002, em Lisboa.

A FORTUNA CRÍTICA DE SANGUE NEGRO

Noémia de Sousa é considerada a mãe dos poetas moçambicanos, sendo símbolo da resistência da mulher moçambicana e africana, que luta pela liberdade, que se utiliza de uma força e prosseguimento nas suas poesias vigorosas de dádiva minuciosa, dando voz às prepotências as quais, seu povo sofreu factualmente exteriorizada pela sistematização dominante do português.

A obra *Sangue Negro* teve início após as reivindicações do povo negro ao seu lugar de fala. Tais localidades, factualmente impetradas por essenciais frutos, conferem a visibilidade, segundo Ribeiro (2017, n.p):

Resultante das colaborações do feminismo negro, do decolonial e da tese do *feminist standpoint* - ou do ponto de vista feminista-, a nomenclatura *local de falar* pretende impulsionar as indagações acerca de quais indivíduos têm o privilégio de fala perante uma população levantada e decorrente definição por desigualdade social como raça, gênero e a classe social.

Saúte faz uma afirmação (2001, p. 12): “o rastilho da poesia que reivindicava a personalidade dos oprimidos”. Podemos perceber nesta afirmação uma forte exaltação à poesia, utilizada como combustível para a luta de direitos, por aqueles que são humilhados e esquecidos por todos.

O clamor de uma batalha, nas quais encaram: “revoltas, dores, humilhações” um dos objetivos é relatar tudo isso e muito mais, nos poemas de Noémia de Sousa. Embora o aspecto feminino, revela-se um acanhamento em seus poemas escolhidos, reforçando uma sugestão de coletânea, na “busca por identidade étnica”.

Trechos de Fonseca (2004, p. 286-287), a cerimônia da fecundidade, da grandeza e vigor que faz da mulher terreno adequado para produzir os grãos (filhos) do amanhã. Identificando a mulher-mãe como destaque de um olhar firme e voltado para o futuro. O corpo sendo projeto desenhado do florilégio visível na representação, mas o grito da mulher-poeta, em calibre, só pode ser escutado agregado ao empenho, com “um novo humanismo à escala universal”, nas palavras de Andrade (1975, p. 52), em um texto introdutório. Por estes e outros motivos, os poemas da coletânea refletem força e resistência negro-africana e a “expressão subjetiva e objetiva da negritude” (Andrade, 1975, p. 50) a literatura busca diversas maneiras de ocupar o vago fomentado pelo “desenraizamento de comunidades e parentescos” (Bhabha, 1998, p. 199). Os poemas ocupam representação e símbolo que apontam à força de um lugar, delineando um recinto em que realiza excelente consagração que chama o povo à luta, como no poema de Noémia de Sousa: “Oh deixa passar meu povo”.

Diversos poemas da moçambicana Noémia de Sousa transportam marcas de um mundo urbano, afastado dos costumes, rurais, que deve ser possível achar sinais das infrações que instiga as mulheres escritoras africanas, da época, para se envolverem em projetos políticos, aproximando-se do povo e das mulheres, aquelas que carregam o mundo em sua cabeça e os filhos no ventre ou nas costas.

Conseguimos comprovar, pelos trechos de Fonseca (2004), citados a seguir, em que ocorre através dos poemas de Noémia de Sousa, os quais foram escolhidos pelos organizadores das Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império - 1951-1963, diversas linguagens da literatura transposta por uma visão movimentada. Desse modo, pode contradizer se averiguar no “Poema da infância distante” (Sousa, 1950), a infância pode ser recordada como um dos momentos mais felizes. Uma bela memória que traz recortes de uma casa ensolarada, à beira-mar, contrapondo a mancha da colonização. O eu lírico mostra-se na figura de uma mulher (‘dia a dia mais insatisfeita’) e expõe o sentimento de esperança, da qual “felicidades e aventuras inesquecíveis”, vividas com “diferentes parceiros de criança”, consigam viver em outra época. O poema “Moças das Docas” trata da exclusão social, denunciando todas as mazelas do sistema autoritário, são seccionadas com mais eficiência e tonicidade. O indivíduo coletivo, as moças das docas, evidencia a carência dos povoados e enfatiza a extração realizada pelos “homens loiros e tesudos de portos distantes”, representante de um regime cruel marcado por feridas incuráveis, os corpos das “fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço”.

Ao adquirir uma técnica reflexiva que legaliza uma fala conjunta, um indivíduo pluralizado, o poema ultrapassa o padrão expressivo de uma pluridimensionalidade individual, além disso, ampara um discurso caracterizado pela dor e sofrimento que expressa um ideal tradicionalmente romancista. A produção de fala conjunta é um método eficiente que se assemelha à poeta das mulheres escravizadas por um regime cruel e desalmado. Esses mesmos recursos são utilizados em vários poemas de Noémia de Sousa, revela putas e magaiças como sofredores de um sistema exploratório, como metonímias de um processo tirano ao qual a poeta condena. Ao levá-los para os poemas, este intensifica o traçado político, ao qual se afilia como militante, que seja escritora de poemas que, divulgados em folhas espalhadas, semeiam revolta.

A busca por pertencimento, tanto de lugar quanto pessoa humana, uma identidade sociocultural que fora mudada, com a colonização, na qual a selvageria do homem branco mudou e transformou tudo.

ANÁLISE DOS POEMAS: Nossa Voz, Canção Fraternal, Patrão e o Homem Morreu na Terra do Algodão da obra *Sangue Negro*

A obra *Sangue Negro* é composta por uma coletânea de poemas produzidos por Noémia de Sousa durante o processo de colonização em Moçambique. Essa coletânea foi

reunida e organizada por Fátima Mendonça, Francisco Noa e Nelson Saúte e publicada pela *Associação dos Escritores Moçambicanos*. A obra possui um total de 49 poemas e alguns são dedicadas às pessoas do conhecimento da escritora, inclusive a uma figura política.

Em síntese, a obra é bastante comovente e traz muitas reflexões sobre a violência, a escravidão, revoltas e esperança é uma leitura muito emocionante, não tem como sustentar as lágrimas em alguns momentos. Trespessando as barreiras do tempo, *Sangue Negro* instiga e motiva os leitores a um ponto que não dá para negar os benefícios que a obra resplandece tanto como ser humano, mas também como pessoa.

Os poemas que serão analisados mais à frente são: Nossa Voz, Canção Fraternal, Patrão e O homem morreu na terra do algodão. Esses poemas em análise visam mostrar os efeitos coloniais e a violência em que eram tratados os moçambicanos, e como o processo colonial repercutiu e influenciou nas produções literárias que transformou todas as gerações posteriores, quem diria que algo trágico traria tantos benefícios decorrentes.

Segundo Gomes (2014), a ação do branco é estritamente colonizadora, pois informa-se o lugar que foi para esses negros, o porão do navio, e de lá se entoa um canto diferente dos sons da liberdade da azagaia, ou seja, os negros são impelidos a um destino cruel. É incrível como um ser humano ignora e faz pouco caso com a dor e o sofrimento de outro ser, pois a sensibilidade humana tem sido cada vez menos demonstrada neste cenário atual, enquanto sociedade.

O africano se retrai e fica sem visão, um homem sem destino. Esta descrição relata o poder do colonizador e de como os negros são uns seres desprezados e governados sobre estratégias de política socioeconômica, cultura e suas riquezas naturais, se tornando seres submissos. Podemos observar essa contextualização pela visão e posicionamento:

[...] o colonizado insere-se na cadeia de produção econômica enquanto elemento básico de produção material, como trabalhador que gera riqueza de que outros se apropriam (o colonizador e o colonialista, português ou gestor multinacional). Estes, detentores do poder sócio-político e econômico, tendem a negar a riqueza cultural dos povos africanos e mesmo a recusar a sua existência, pelo que impõem os padrões exógenos de cultura dos dominados (Laranjeira, 1995, p. 358 *apud* Dias Junior, 2014, n.p).

Segundo o autor Dias Junior (2014), a referida citação expõe com clareza e descreve situações nada incomuns, ou seja, os negros geravam a riqueza dos colonizadores de norte a sul das Américas e, em troca, o que recebiam era uma vida que negava sua identidade, sua cultura, em síntese, sua própria existência. A eles sobraram, apenas, as saudades da terra onde eram livres.

O poema a seguir, “Nossa Voz” trata-se com clareza sobre a vida de servidão dos moçambicanos. O gritar de desespero e agonia, por não se confirmarem com os homens brancos e egoístas se autodenominarem seres superiores, o gritar também é uma liberdade de revolução que evolui para o conhecimento desprendido, ou seja, chega de ficar calado.

NOSSA VOZ

Ao J. Craveirinha

Nossa voz ergueu-se consciente
sobre o branco egoísta dos homens
sobre a indiferença assassina de todos.
Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão
Nossa voz ardente como o sol das malangas
Bossa voz atabaque chamando
Nossa voz lança de Maguiguana
Nossa voz, irmão,
Nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade e revolucionou-a
Arrastou-a como um ciclone de conhecimento.
(Sousa, 1949, p. 33 - 34).

A linguagem do poema “Nossa Voz” é cheia de expressões como gritos e emoções, com palavras em português simples e africano moçambicano, estas que mostram a origem de seu povo, sua língua, cultura e muita dor e tortura, em poemas como este.

O poema retrata um povo escravizado, dominado pelos colonizadores. A única esperança era a revolta e vingança que ecoavam pela noite escura, que a mente branca tentava calar. O poema manifesta a voz do eu poético, denunciando as condições de homens e mulheres explorados e isolados de suas famílias e de seu povo e que, mesmo assim, conseguem perceber a importância de seus trabalhos e suas forças, necessárias para o desenvolvimento da colônia.

Essa voz é a voz de milhares de moçambicanos clamando por ajuda, socorro:

O choque entre as formas poéticas existentes em Moçambique ganha assim o seu contorno peculiar, pois aquelas que se acantonam nas zonas idealistas de conhecimento, quer dizer, aquelas que consideram, quando muito, uma metafísica da ação, opõem-se àquelas que mergulham as suas raízes na consciência prática da *práxis*. Ora o que se procura é uma poesia que assente não só na realidade própria do

poeta, mas que considere a exigência crítica que procura estruturar-se na *práxis* humana (Sousa, 2014, p. 71-72 *apud* Margarido, 1980, p. 480).

Sousa (2014) *apud* Margarido (1980, p. 480), nesta citação, apresenta uma crítica ou, como podemos também considerar, acréscimo à grande realidade vivenciada pelo povo moçambicano, a qual a poeta Noémia mergulha em suas raízes e aceita enxergar não só por si, mas, também, pelos outros.

Outro passo bastante importante e que não podemos deixar de falar é sobre o movimento chamado de Negritude, que foi um dos movimentos mais conhecidos e um ótimo contribuinte para a Literatura Africana e, conseqüentemente, moçambicana. Lendo a seguinte citação, podemos perceber que traz diversos pontos positivos, porém, o que mais conta é fazer com que o africano sinta orgulho de ser ele mesmo, como a busca por sua identidade e pertencimento seja atingida.

A negritude foi um movimento cultural que viu e demonstrou que o problema essencial da nova África não era um problema de desenvolvimento tecnológico, de progresso material, mas sim um problema espiritual. O mérito principal da negritude não é de ter dado aos africanos o orgulho de si, do seu passado e uma esperança no futuro. Foi acreditar que antes da África era necessário fazer o africano, e para o construir ocorria fundar-se sobre um passado, sobre uma tradição; porque o homem sem passado é uma planta sem raiz, e um pouco de vento pode derrubá-lo! (Gomes 2020 *apud* Ngoenha, 1992, p. 50).

Neste poema “Canção Fraterna” veremos como o peso da colonização, sobre povo moçambicano e suas vidas, foram de uma maneira tão violenta e triste, humanamente, que na letra deste poema sentimos como as emoções e os sentimentos colocados, no momento da escrita, transcendem o papel, chegando de maneira sutil e comovendo o leitor.

CANÇÃO FRATERNA

Irmão negro de voz quente
o olhar magoado,
diz-me:
Que séculos de escravidão
geraram tua voz dolente?
Quem pôs o mistério e a dor
em cada palavra tua?
E a humilde resignação
na tua triste canção?
E o poço da melancolia
no fundo do teu olhar?
Porque a tua canção é sofrimento
e a tua voz, sentimento

e magia.
 Há nela a nostalgia
 da liberdade perdida,
 e saudade de tudo que foi teu
 e já não é.
 (Sousa, 1948, p. 74-75)

No primeiro verso, tem algumas afirmações e logo após são realizadas diversas perguntas, nas quais não há nenhuma resposta. Entendemos que as respostas estão nas entrelinhas, apesar de não estar explícito, compreendemos que a canção é a maneira a qual encontram para desabafar suas emoções, os seus pensamentos e contradições. No terceiro verso, as respostas das perguntas feitas nos primeiros versos são colocadas nesta parte da canção, assim como a autora Noémia coloca, é tamanha sua dor que não há palavras que possam expressar todos os seus sentimentos.

A citação a seguir fala a respeito dos diversos tipos de violências e como eram tratados os moçambicanos, pelos seus colonizadores:

Em Moçambique, até os primeiros anos da década de 1960, por exemplo, era corrente que os "patrões" aplicassem punições físicas aos seus empregados domésticos (os "criados") ou que as donas de casa portuguesas, perante um erro, infração ou desobediência de um "criado", o enviassem à administração ou à estação de polícia com um bilhete no qual explicavam o "delito" e solicitavam punição física ou mesmo "uns dias de calabouço". O empregado punido devia devolver o bilhete à "patroa" com um apontamento do funcionário informando que o castigo fora aplicado (Sousa, 2014 *apud* Cabaço, 2009, p. 45).

Segundo Sousa (2014), a nacionalidade moçambicana, como toda a nacionalidade africana, avançou em decorrências do colonialismo europeu, surgindo o desejo de unidade nacional que fragmentava da experiência conjunta do argumento gerado pela gradual indagação que Portugal criou em Moçambique, impedindo a progressão das organizações anticolonialistas. O raciocínio colonial português estava impregnado pela idealização imperialista, buscando preservar a dominação dos territórios africanos, postura esta que é a elevação de uma monarquia financeira e moralmente robusta.

Trata-se ademais, sob certo aspecto, de uma dupla ilegitimidade. Estrangeiro, chegando a um país pelos acasos da história, ele conseguiu não somente criar um espaço para si como também tomar o do habitante, outorgar-se espantosos privilégios em detrimento de quem de direito (Sousa, 2014 *apud* Memmi, 1997, p. 42).

O poema Patrão enfatiza a violência colonial, e o objetivo principal de Noémia de Sousa é acusar e denunciar o homem branco de sua crueldade, da sua tortura para com o povo

moçambicano. O homem branco se sente tão superior que acredita que tem o direito de desprezar esse povo negro que tanto sofreu em suas mãos.

Depois de tanto sacrifício, o negro acha desnecessário apanhar e ser torturado, mesmo trabalhando tanto, quando sua recompensa é o chicote. O negro escravo não compreende que o Patrão sente a necessidade de bater para mostrar quem é que manda, não se importando com o trabalho, dor, suor que venha ser expresso pelo negro moçambicano.

PATRÃO

Ao Saul Sende

Patrão, patrão, oh meu patrão!
 Porque me bates sempre, sem dó,
 com teus olhos duros e hostis,
 com tuas palavras que ferem como setas,
 com todo o teu ar de desprezo motejador
 por meus actos forçadamente servis,
 e até com a bofetada humilhante da tua mão?

Neste primeiro verso podemos perceber onde servos dos Patrões não compreendem tamanha hostilidade, pois apesar de serem forçados a serem servos, não merecem tanta humilhação por fazerem parte de uma colônia escravista e por de fato serem dominados pelos seus colonizadores.

Oh, mas porquê, patrão? Diz-me só:
 que mal te fiz?
 (Será o ter eu nascido assim com está cor?)
 Patrão, eu nada sei... Bem vêes
 que nada me ensinaram,
 só a odiar e a obedecer...
 Só a obedecer e a odiar, sim!
 Mas quando eu falo patrão, tu ris!
 e ri-se também aquele senhor
 patrão Manuel Soares do Rádio Clube...
 Eu não percebo o teu português,
 patrão, mas sei o meu landim,
 que é uma língua tão bela
 e tão digna como a tua, patrão...
 No meu coração não há outro melhor,

tão suave e tão meiga como ela!
Então porque te ris de mim?

O poder entre colonizador e colonizado em partes dos versos deste poema fica muito explícito, não só em partes, mas como todo. São questionamentos validos e bastante precisos, embora o colonizador de certa forma tenha pensado em cegar de alguma maneira os colonizados moçambicanos, como de conhecimento, jamais foi possível. Podemos notar ainda em uma parte específica do poema em que fala sobre uma língua indígena chamada de *landim* que é de origem de Moçambique, mais especificamente de Maputo.

Ah patrão, eu levantei
esta terra mestiça de Moçambique
com a força do meu amor,
com o suor de meu sacrifício,
com os músculos da minha vontade!
Eu levantei-a, patrão
pedra por pedra, casa por casa,
com alegria e com dor!
Eu a levantei!

A força de vontade, o amor e a esperança destes moçambicanos chegam até ser de certa forma inocente, e apesar de tanta dor e sofrimento e muitos sacrifícios, o trabalho foi realizado com sensatez, por pensarem em um futuro melhor.

E se o teu cérebro não me acredita,
perguntei á tua casa quem fez cada bloco seu,
quem subiu aos andaimes,
quem agora limpa e põe tão bonita,
quem a esfrega e a varre e a encera...
Pergunta ainda às acácias vermelhas e sensuais
como os lábios das tuas meninas,
quem as plantou e as regou,
e, mais tarde, as podou...
Perguntas a todas a essas largas ruas citadinas,
Simétricas e negras e luzidias
quem foi que as alcatroou,
indiferente à malanga de sol infernal...
E também pergunta quem as varre ainda,
manhã cedo, com a cacimba a cobrir tudo...
Pergunta quem morre no cais
todos os dias - todos os dias -,
para voltar a ressuscitar numa canção...
E quem é o escravo nas plantações de sisal
e de algodão,

por esse Moçambique além...
 O sisal e o algodão que hão-de ser “pondos” para ti
 e não para mim, meu patrão...
 E o suor é meu,
 a dor é minha,
 o sacrifício é meu,
 a terra é minha
 e meu também é o céu!

Neste verso sente-se a revolta e a falta de reconhecimento e a importância do colonizado mesmo sendo apenas um serviçal, mas que faz seu trabalho com muito suor, dor e dedicação, sentido tudo que imaginemos, a luta e a busca por liberdade, identidade, lugar de pertencimento, cultura e religião.

E tu bates-me, patrão meu!
 Bates-me...
 E o sangue alastra, e há-de ser mar...
 Patrão, cuidado,
 que um mar de sangue pode afogar
 tudo...até a ti, meu patrão!
 Até a ti...
 (Sousa, 1949, p. 81-83)

Os moçambicanos permaneceram em determinados tipos de trabalhos, em condições precárias, que se fizeram necessárias à criação de mecanismos que tivessem como finalidade não haver nenhuma flexibilidade social para os cidadãos moçambicanos:

Constitui unanimidade, entre os críticos do colonialismo, a identificação, quer do intrínseco segregacionismo da sociedade colonial, quer da impossibilidade prática de mobilidade social entre os dois polos, quer ainda da natureza indissociável dessa dualidade (Cabaço, 2009, p. 39).

A permanência de atividades sociais era proveniente deste período de violência escravista dos colonizadores para os seus colonizados, e eles tinham total domínio sobre tudo e todos. No poema, vemos que os versos têm um tom de voz bastante forte, meio tímido e cálido:

Em Moçambique, até os primeiros anos da década de 1960, por exemplo, era corrente que os "patrões" aplicassem punições físicas aos seus empregados domésticos (os "criados") ou que as donas de casa portuguesas, perante um erro, infração ou desobediência de um "criado", o enviassem à administração ou à estação de polícia com um bilhete no qual explicavam o "delito" e solicitavam punição física ou mesmo "uns dias de calabouço". O empregado punido devia devolver o bilhete à

"patroa" com um apontamento do funcionário informando que o castigo fora aplicado (Cabaço, 2009, p. 45).

O poema “O homem morreu na terra do algodão” é um poema voltado a uma enorme crítica que trata da desumanidade no contexto social vivenciado no período colonial, uma das mais cruéis que possamos imaginar. O objetivo deste poema, especificamente, é chamar a atenção do leitor primeiramente, logo, o tema do poema chama é bastante chamativo, dele podemos fazer alguma ideia do que se trata. A princípio, o tema parece ser algo normal e corriqueiro, ou seja, do dia a dia, o que são séculos de escravidão e violência social de todos os tipos. O sistema de governos e reinos deste período colonial não se importava com os povos colonizados. O objetivo dos governantes era escravizar o máximo do povo moçambicano e tomar suas riquezas.

O homem morreu na terra do algodão, aparentemente ou, à primeira vista, a frase parece simples, ou seja, trata-se de um ser humano do sexo masculino que faleceu em um roçado, no qual, a plantação é de algodão, produto este utilizado para produzir diversos materiais essenciais para o homem. Em uma leitura mais atenta, essa visão rasa é totalmente descabida. Este homem não é só um homem, mas sim, um país inteiro, povos que se tornaram escravos durante séculos, para uma nação que se diz raça superior, em todos os sentidos. Veja o poema abaixo:

O HOMEM MORREU NA TERRA DO ALGODÃO

Mas o algodão continuou
a florir todos os anos em beleza e brancura...
suas leves nuvens sedosas
ainda mais brancas se tornaram,
mais brancas que a lua
brancas, cruelmente brancas, de brancura luminosa e pura,
sem mistura...
(Sousa, 1949, p. 100).

A descrição da terra do algodão é algo que retrata duas nações de diferentes pontos de vista e momentos parados no tempo. Essa percepção fica explícita no poema, mas também muito mais profunda ao ser analisada, nas entrelinhas. A visão do colonizador versus colonizado é vista através das expressões revividas dentro do texto: a brancura do algodão e o sangue dos que apanham o algodão. Refletir um pouco como são relacionadas às características ao algodão: “Mas o algodão continuou/ A florir todos os anos em beleza e brancura/ Suas leves nuvens sedosas/ Ainda mais brancas se tornaram/ Mais brancas que a

lua/ Brancas, cruelmente brancas, de brancura luminosa e pura/ sem mistura” é facilmente associado a pureza e superioridade da raça europeia, que, no caso, seriam os colonizadores portugueses.

A raça dos portugueses continuava a crescer como um algodão branco e limpo sem mistura, e assim se declarando superiores, dotados de inteligência e astúcia para explorar, violentar, escravizar um povo que tem traços característicos semelhantes a eles, ou seja, seres humanos que possuem as mesmas capacidades que seus carrascos. Embora os moçambicanos, tenham passado por toda essa desumanização na vida, e muitos morrerem escravos dos chamados “raça superior”, vítimas do desprezo pela vida humana, a sua superioridade e capacidade para levantarem a cabeça e não deixar que seu passado se tornasse algo para desistirem de lutar pelo que acreditam, por sua cultura, suas crenças, por dias melhores e esperança de que tudo pode ser diferente.

Sabemos que esse cenário visionário revelado por Memmi sobre essa distância estabelecida pelos colonizadores não é possível, pois o simples fato de colonizar Moçambique já alteraria suas relações e marcaria, para sempre, todas as suas existências:

Utilizará para descrevê-lo as cores mais sombrias; agirá, se for preciso, para desvalorizá-lo, para anulá-lo. Mas não sairá jamais deste círculo: é preciso explicar a distância que a colonização estabelece entre ele e o colonizado; ora, a fim de justificar-se, é levado a aumentar mais ainda essa distância, a opor irremediavelmente as duas figuras, a sua tão gloriosa, a do colonizado tão desprezível (Gomes, 2020, p. 64 *apud* Memmi, 1997, p. 58).

Segundo Gomes (2020), essa distância entre colonizador e colonizado se dá pela morte do colonizado que, apesar de ser contraditória, Memmi 1997 questiona: que se o colonizado for extinto, a colonização e seus colonizadores também sumiram. Essa ambiguidade, presente em ambas as permanências, é relatada por Memmi e abreviado no seguinte trecho:

Desde que escolheu manter o sistema colonial, deve procurar defendê-lo com mais vigor do que lhe seria necessário para recusá-lo. Desde que tomou consciência da injusta relação que o une ao colonizado, é preciso que se empenhe sem tréguas em absolver-se (...) Ao mesmo tempo, devendo seus privilégios tanto à sua glória quanto ao aviltamento do colonizado, obstinar-se-á em aviltá-lo (Gomes, 2020, p. 65 *apud* Memmi, 1997, p. 58).

Além disso, ao apreciar o poema de Noémia de Sousa, nós somos capazes de assimilar e lastimar o extremo nível de exploração colonial que modifica todos os inclusos como indivíduos animalizados, como sugere Aimé Césaire, neste Discurso de colonialismo:

Esses fatos provam que a colonização, repito, desumaniza o homem mesmo o mais civilizado; que a ação colonial, a empreitada colonial, a conquista colonial, fundada sobre o desprezo do homem nativo e justificada por esse desprezo, tende inevitavelmente a modificar aquele que a empreende; que o colonizador, ao habituar-se a ver no outro a besta, ao exercitar-se em tratá-lo como besta, para acalmar sua consciência, tende objetivamente em transformar-se ele próprio em besta. Esta ação, este golpe devolvido pela colonização, era importante assinalar (Gomes, 2020, p. 65 *apud* Césaire, 2017, p. 29).

A colonização teve um papel muito importante para Moçambique e sua literatura, que apesar da relevância caracterizada pelos grandes escritores que por lá viviam, as reivindicações sugeriram com alguns escritores como Noémia. Césaire (2017) em poucas palavras faz uma crítica à conquista colonial e menospreza tais atitudes dos colonizadores que usavam de tais atitudes infundadas como o tratamento dos colonizados como bestas, apesar do homem branco usar de maneira calmante para sua consciência isso só faz com que o próprio colonizador se transforme em besta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tem o objetivo, mostrar o efeito colonial na obra *Sangue Negro* e sua contribuição e a grande relevância tanto da obra de Noémia de Sousa, quanto à história da literatura moçambicana, que faz tanta referência à poetisa que denunciou e não se calou perante aos próprios abusos dentro do contexto colonial.

Portanto, ler os poemas de Noémia de Sousa é como descobrir sobre nossa cultura, nossa origem, nossos costumes e crenças em toda a nossa sociedade. É a partir da literatura que conseguimos construir uma concepção de identidade, cultura, religião, política e muito mais.

O que a obra “*Sangue Negro*” nos proporciona é uma viagem através do tempo e no espaço. Esse espaço e tempo ocorrem dentro e fora da leitura da obra de Noémia Sousa, forçando o leitor a realizar uma reflexão de como foi o processo de colonização em Moçambique e a história de seu povo, por trás de tantas narrativas. E as análises realizadas até aqui não se finalizaram, pois a diversidade de temas que ainda pode ser explorado e discutido.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Antologia temática de poesia africana**: na noite grávida de punhais. Lisboa: Sá da Costa, 1975.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myrian Ávila et al. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 1998.

BORBA, Fernanda Ely; LISBOA, Teresa Kleba. Sangue Negro e a poesia de combate de Noémia de Sousa. **Revista feminismos**, v. 7, n. 3, p. 165-170, 2019.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique**: identidade, colonialismo e libertação. São Paulo: Editora: UNESP, 2009.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre colonialismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2017.

DIAS JUNIOR, Valter Gomes. **A voz da negritude na poesia de Francisco José Tenreiro**. Universidade Federal da Paraíba, 2014. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosiliafro/wp-content/uploads/2014/03/artigo_SILIAFRO_62.pdf>. Acesso em: 28 abr. maio 2024.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas. **Scripta**, v. 8, n. 15, p. 283-296, 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. **Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa**. Cadernos Cespuc de Pesquisa Série Ensaios, n. 16, p. 13-69, 2007.

GOMES, Lunara Carolline Nascimento. **O Sangue Negro da Escrita**: poética, estética e política em Noémia de Sousa. Recife, 2020.

LARANJEIRA, Pires. **A negritude africana de língua portuguesa**. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

MARGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa**. Lisboa: A regra do jogo Edições, 1980.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

NGOENHA, S. **Por uma dimensão moçambicana da consciência história**. Porto: Salesianas, 1992.

PETRIN, Natália. **Literatura Africana. Todo Estudo**. s.d. Disponível em: <<https://www.todoestudo.com.br/literatura/literatura-africana>>. Acesso em: 28 abr. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de falar?** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento/Justificado, 2017.

SAÚTE, Nelson. Noémia de Sousa: a mãe dos poetas africanos. In: SOUSA, Noémia de. Sangue Negro. Maputo: AEMO, 2001.

SOUSA, Carla Maria Ferreira. **Sob o signo da resistência**: a poética de Noémia de Sousa no período de 1948-1951 em Moçambique. Salvador, 2014.

SOUSA, Noémia de. **Sangue Negro**. Vozes da África: Kapulana. 2016. 198p.